

EDIPUCRS – Coleção Memória das Letras

4-SCHMIDT, Simone Pereira
GÊNERO E HISTÓRIA NO ROMANCE PORTUGUÊS.
 2000, 216 p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
 Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
 Caixa Postal 1429
 90619-900 - Porto Alegre – RS/BRASIL
www.pucrs.br/edipucrs/
 E-mail edipucrs@pucrs.br
 Fone/Fax: (51) 3320.3523

Marcas insólitas na aquisição do gênero gramatical: a propriedade reflexiva da linguagem na fala da criança

Rosa Attié Figueira*

Nossa contribuição a esta mesa redonda será apresentar dados sobre marcação de gênero, retomando alguns exemplos já exibidos em outras ocasiões em que tratamos do erro na fala da criança (Figueira, 1996). Pertencem a um momento do processo de aquisição da língua, em que a criança repõe reflexivamente – para corrigir ou simplesmente modificar – trechos de sua própria produção ou da produção lingüística do interlocutor. Ao estudar as *retomadas lingüísticas* pude constatar que havia, entre os dados um subconjunto bastante nítido, que remetia para uma discussão sobre gênero gramatical. Era também evidente que muitas delas assumiam, no interior do diálogo adulto-criança, um ar ou um sabor anedótico, divertido – aspecto, aliás, que levou-nos a explorar (Figueira, 1998 e no prelo) o efeito que essas e outras ocorrências têm sobre o adulto. Neste estudo, porém, nosso principal objetivo é tentar caracterizar este fato na história da constituição da criança como falante, dentro de uma perspectiva que procura responder às questões: a) em que momento são registradas as primeiras manifestações de reflexividade lingüística na fala da criança?; b) em particular, quando se pode registrar situações em que ela se volta sobre o dito, produzindo uma modificação que afeta o gênero gramatical da palavra?; c) o que isto representa em termos da relação da criança com a linguagem? Aceitando chamar (sem maior discussão) tal comportamento de metalingüístico, será verdade que tal fato seja, como querem alguns, um acontecimento tardio, que só tem lugar muito adiante, na faixa dos 5, 6 anos de idade?

* UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas.

É comumente aceito na literatura que as crianças utilizam a linguagem de início para interagir e falar sobre coisas do contexto imediato, e somente depois, para falar sobre a própria linguagem. As habilidades ditas metalingüísticas são consideradas de emergência tardia, sendo procuradas somente aos 6, 8 anos de idade (Clark, 1978; Hakes 1980). Para nós, não se trata aqui de contra-argumentar a esta posição (já o fizemos em outro lugar: Figueira, 1997/98), mas de investigar quando a criança começa a apresentar sinais de uma nova posição face à linguagem, tal que pode deixar de ser apenas aquela que fala para tornar-se capaz de atuar reflexivamente sobre o que ouve na sua fala ou na de seu interlocutor (De Lemos, 1997). Vamos abordar as questões acima, usando dados de J e A, 2 a 6 anos, que evidenciam *marcas insólitas de gênero*. E o faremos fazendo intervir na descrição, a noção de *autonomia* (Rey-Debove, 1978), na medida em que esta revelou-se um instrumento útil na caracterização dos enunciados. Como horizonte teórico buscamos as formulações tanto de De Lemos (op. cit.), quanto de A-Revuz (1995). Embora não tenhamos na fala da criança pequena exemplos de modalizações autonômicas do tipo estudado por A-Revuz, há lugar para o registro do fato autonômico *em si mesmo*. Com efeito, algumas enunciações da criança assumem um ar de menção e não unicamente de uso. Assim, é necessário depreender os traços que lhes são próprios, e como se articulam com nosso corpo inicial de questões.

As ocorrências sob exame enquadram-se em dois grupos: os casos em que a criança substitui um item por outro num movimento de retificação espontânea de sua marca de gênero; os casos em que a criança destaca um item do enunciado de seu interlocutor e o substitui por outro, à maneira de uma réplica, modificando-o quanto ao gênero. Os dois casos podem ser considerados como *retomadas* do que foi dito na cadeia da fala. No primeiro caso, uma vez que a retomada incide sobre um ponto da *própria* fala, usa-se, na falta de outro melhor, o termo *retificação*. No segundo, uma vez que a retomada assume um caráter de oposição ao que vai expresso na fala do interlocutor, usaremos a denominação *réplica*. Nos dois casos um nome é alvo, na sua desinência, de uma marca de gênero insólita. Assim, o que chama a atenção em tais casos é o efeito surpreendente, às vezes cômico, assumido por tais enunciações. Por isto, tais ocorrências nunca passam despercebidas, e muitas delas caem no registro dos chamados dados anedóticos.¹ Os primeiros dados nos vêm de J, quando tinha 4;6.

- (1) (J toma seu café da manhã; a certa altura pergunta a sua mãe)
 J. Carro bebe café, mãe? M. Não.
 J. Então eu não bebo. Porque eu sou carro. M. ?!
 J. Quer dizer, eu sou carra. Sou carrinha. (D - 4;6:28)

No contexto de um trabalho sobre marcas de reflexividade lingüística, este dado ganha destaque por conter um operador explícito de reformulação: a expressão *quer dizer*. Ela serve para introduzir uma retificação que afeta não somente a coisa que foi dita, mas a palavra, na *forma* como esta coisa foi dita. Ao exibir um fato morfológico incomum, este dado tem um ar divertido, engraçado: J flexiona o substantivo *carro*, dizendo *carra*, para fazê-lo conformar-se à expressão de um ser do sexo feminino (ela, Juliana); e em seguida, ainda falando si (uma menina), busca uma adequação semântica correlata: *carra* torna-se *carrinha*. Gênero feminino, no diminutivo. Observe-se agora (2).

- (2) (J brinca de fazer entrevistas, como se fosse o repórter na televisão)
 M. Eu tava perguntando se ia sair ou não a reportagem, Ju. E você é o repórter
 J (levantando a voz). Reporta.
 M (rindo). "Reporta"? Por que "reporta"?
 J. Porque reporta é mulher Que eu não quero ser homem. Eu sou reporta, vai (4;6:1)

Neste caso, J marca o gênero numa palavra onde ele (o gênero) não teria marca formal explícita. Falando tecnicamente: *repórter* é um desses substantivos que Câmara classificaria como de dois gêneros sem flexão (*o repórter /a repórter*; tal como *o artista /a artista, o mártir /a mártir*). Neles, o gênero torna-se conhecido pela forma masculina ou feminina do artigo que implicitamente exigem. Aliás, tal fato – como lembra o lingüista brasileiro, citando Vendryes – “torna-se de um mecanismo preciso e nítido em línguas que, como o grego e o português, têm a partícula chamada ‘artigo’, sempre implicitamente possível de se antepor a um nome substantivo” (Câmara, 1970:81).

Ora, o que se observa na fala de J? Uma marca formal no *corpo da palavra*, na terminação *-a* (*reporta*). É aí que J inscreve – de maneira inequívoca a qualquer interpretação – a sua irredutível e inegociável condição de menina, portanto sexo feminino, portanto gênero feminino. Mais ainda: neste caso a criança não só marca o gênero, como dá uma explicação desta marcação. Veja-se que depois de dizer em voz alta: *Reporta*, J prossegue, em resposta à pergunta da mãe que pede lhe uma explicação: *Porque reporta é mulher. Que eu não quero ser homem. Eu sou reporta, vai*.

¹ Estaremos transitando aqui entre os dois sentidos da palavra *anedótico*: 1. assistemático, recolhido por um observador casual da história da criança (v. literatura da área); 2. engraçado, divertido, cômico.

A seguir uma ocorrência que tem J e A, as duas irmãs como interlocutoras.

(3) (A e J, as duas irmãs, ouvem um programa de auditório na tevê; a certa altura o apresentador dirige-se ao auditório com a saudação: Bom dia!)

A (a mais velha). Bom dia!

J, a mais nova, faz uma intervenção, "corrigindo" a irmã)

J. Bom dia é para homem. Bom dia é para mulher. (J: 5;2;17; A: 8;8)

O dado tem duas faces: primeiro a que nos é oferecida pela menina mais velha, A. Ela responde ao cumprimento, *bom dia*, fazendo uma flexão na palavra *dia*, que é produzida *dio*. Aparentemente para se conformar a uma regularidade da língua: a maioria das palavras masculinas, que se deixam antepor por adjetivos como *bom*, são terminadas em -o. *Dia*, palavra masculina, faz exceção, porque termina em -a. De alguma maneira, nesta ocorrência, tal "discrepância" do sistema é eliminada, promovendo-se uma solidariedade entre os significantes *bom* e *dio*.² Mas, curioso mesmo é o que se segue na resposta de J, a mais nova. De modo sério e sentencioso ela dispara uma regra de uso do cumprimento, regra na qual novamente a marca formal que se alterna no final do substantivo (*bom dio/bom dia*) parece servir para marcar dois universos: o das mulheres e o dos homens. Essa é a segunda face que o dado nos oferece, e é tão rica quanto a anterior. Deve-se dizer que, partindo como partiu, de J, a mesma criança que sentenciava em (2): *Porque reporta é mulher*, este dado obriga-nos a algumas outras incursões. Note-se que a criança, ao final de sua enunciação, resta indiferente ao efeito insólito ou divertido de suas palavras. Este aspecto, abordado num trabalho, a que chamei "Dados Anedóticos: a Fala da Criança Provoca o Riso, mas a Criança faz Humor?", cuja versão final encontra-se no prelo³, será aqui deixado de lado

² O mesmo tipo de análise, feita para *dio*, será necessário para aquelas ocorrências que despontam quando a criança já leva em conta uma regularidade da língua, em cujo funcionamento está imersa. Em português nomes terminados em -a são geralmente femininos, nomes terminados em -o são geralmente masculinos. *Dia*, *tapa*, *papa* fazem exceção a esta regra, *moto*, de outro lado, faz exceção a esta regra. O que acontece na fala das crianças? Em certa altura um *tapa* vira um *tapo* ou então *uma tapa*; o *papa* vira o *papo*, a criança recusando-se terminantemente a chamar o sumo sacerdote de o *papa* (vale até recordar o comentário da mãe que ficara impressionada com a "atitude lingüística hiper-corretiva" da filha...). *Uma moto* vira um *amoto*. O *a* que a criança ouve é aglutinado ao nome, e o que ela antepõe a este é o artigo masculino, supostamente aquele que deve preceder uma palavra terminada em -o como *moto*. Muitos outros "problemas" com a segmentação poderiam ser lembrados aqui. Não vamos relembrar os exemplos, mas convidar os leitores a revê-los no artigo "O Erro como Dado de Eleição..." (1996).

³ "Dados Anedóticos: Quando a fala da criança provoca o riso... humor e aquisição da linguagem". Revista *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, v. 6, Pontes.

em favor da exploração da relação gênero-sexo presente, tanto em (3), quanto em (2) e (1). É extremamente interessante para nós pesquisadores, que desejamos traçar a trajetória que a criança faz na aquisição de um subsistema gramatical, observar que aquilo que tem o ar de *erro* é um dado privilegiado para nosso estudo (não é preciso insistir mais nisso, fato sobejamente reconhecido na literatura e que foi tema, durante anos, de minha pesquisa pessoal...). O que nos interessa no trabalho atual é assinalar uma outra faceta desse tipo de material: aquela que diz respeito à posição da criança em face da língua que ela fala: J faz, sobre a expressão recém-ouvida, um comentário que pode-se qualificar de lingüístico-discursivo, e o faz de uma maneira particular, idiossincrática. Quando confrontados a uma enunciação como a de J em (3), é difícil não exclamar: eis aí um primeiro discurso da criança sobre a língua! Discurso que, ademais, revela para o observador um aspecto importante sobre o funcionamento do gênero gramatical na língua em aquisição.

Nos três enunciados apresentados há, sem dúvida, reflexividade lingüística. A criança volta-se para uma palavra ou expressão que acaba de ser produzida em sua própria fala; mas será que existe o fato autonímico? Para responder, é preciso que nos debruçemos sobre certos índices. De início, é preciso considerar o destaque da palavra, representado por uma parada na entonação da frase que o contém – fato que na escrita costuma ser representado por aspas. Ou a sua retomada independente, num outro enunciado. Ora, isto aparece mais claramente em (2) e (3) do que em (1). Consideremos agora, a questão da ausência do artigo, outro sinal importante de que o signo está sendo mencionado e não somente usado. Esta característica pode ser observada em (1) e (2) [e também adiante em (4) e (5)]. Feita tal consideração, vamos para o outro conjunto de dados, a que chamei de *réplica*. É um tipo de enunciado que exhibe (ou tem a possibilidade de exhibir) uma característica formal, estrutural. Começa por uma negação e é seguido por duas estruturas de predicação: Não, não é X, é Y, onde X e Y são *nomes*, palavras em menção e não em uso. Por que chamá-lo de *réplica*? Porque, do ponto de vista da enunciação há uma recusa. Recusa pela qual a criança descarta não a *coisa* que é nomeada, mas a *palavra* pela qual esta coisa é nomeada por seu interlocutor – um adulto, o pai ou a mãe. A criança oferece uma outra palavra, que lhe parece a correta. É um caso de não-coincidência do dizer, para retomar aqui a expressão – título do livro de A-Revuz. Haverá intervenções ou retomadas desse tipo, cujo alvo seja a expressão do gênero? Recolhemos duas, ambas do "corpus" de J, numa idade

bem inicial, entre 2;3 e 3;3. Uma delas – (4) – tem a fórmula explícita *Não é X, é Y*. A outra – (5) – apenas a comporta implicitamente. Começamos pelo episódio (4), quando a menina tinha 3;3 de idade, ao qual acrescentamos (5), de 2;3 de idade.

- (4) *(J dá uma batida no braço; forma um galo; a mãe mostra à avó, dizendo)*
M. *Fez um galo*
J. *Não é "galo", é "galinha".* (3;3)
- (5) *(a mãe de J tenta pôr um biquíni que não lhe serve; J segue o que faz a mãe)*
J *(avaliando)*. *Esse não dá mãe.*
M. *Ah Ju! Você é um barato.*
J. *"Barata", mãe, "barata".* (2;3)

Por que J substitui *barato* por *barata* e *galo* por *galinha*? Poderíamos pensar que se trata da marcação de sexo atravessando os itens que a qualificam ou que fazem referência a algo que afeta a ela, Juliana, uma menina. Em favor desse movimento que resulta numa marcação de gênero-sexo insólita falam outros episódios como (1)-(3).

Analisemos cada dado separadamente. Em (5), a réplica de J à mãe *Barata*, mãe, *barata* deixa implícito que a criança, a quem escapa o sentido da expressão idiomática *um barato* (aproximadamente: *você é impagável*), acaba por lhe imprimir um outro sentido. Qual? – poderíamos nos perguntar. Qualquer que seja (não sabemos...), deve obrigatoriamente tratar-se de uma predicação de menina, uma vez que J lhe imprime a marca de feminino: *barata*, e ela o faz indiferente ao fato de que erige-se com isto uma situação de homonímia (*Barata* corre o risco de ser interpretada com outro sentido: aquele que se refere ao inseto, mas certamente não é disto que a criança está falando...). Estamos de novo diante de uma situação em que J imprime no enunciado sua inescapável e inegociável condição de menina, condição à qual ela se agarra irredutivelmente, fazendo-a presente formal e inequivocamente na língua. A estrutura completa será: (*Não é barato*), *é barata* – se procuramos dobrar o enunciado, de modo a tornar aparente sua estrutura de réplica. Já em (4), encontramos a estrutura completa: J retoma a palavra *galo* ("*não é galo*") para recusá-la e colocar em seu lugar *galinha*. Encontram-se aí todos os elementos da fórmula estrutural atrás mencionada.

Além da repetição da palavra, quais outras marcas do fato autonímico podem ser aí observadas? – podemos agora perguntar. Dois outros traços podem ser notados: a) o destacamento da palavra pela entonação, marcado na escrita pelas aspas; b) a ausência do artigo nas duas réplicas. Estes traços indicam que estamos dian-

te de exemplos claros de emprego autonímico do signo. Aliás, o que é notável é que esta garotinha que não tem mais do que 2-3 anos, já se mostra capaz de tomá-lo a serviço da sua necessária identificação como ser do sexo feminino. É preciso assinalar que talvez o domínio do gênero gramatical seja – por sua relação com as marcas de sexo – um espaço privilegiado para se enxergar as retomadas reflexivas do sujeito sobre a língua.

As enunciações de J são interessantes porque despertam-nos para um outro fato já explicitado no início: a mudança de posição da criança em face da língua que ela está em vias de adquirir. (4) e (5) mostram que bem cedo a criança pode estar em condição de voltar-se para o objeto lingüístico, reconhecendo a diferença entre seu dizer e o dizer do outro. Na condição de engraçadas (e talvez por isto mesmo) estas enunciações não cessam de suscitar novas questões, paralelas a nossa questão central. Por exemplo, elas nos levam a levar em conta um outro fato: qual é a reação da criança *vis-à-vis* o efeito divertido produzido por suas palavras? É preciso retomar nossos exemplos para explorá-los nessa direção. No episódio (4) ocorre na fala de M o item *galo*, cujo significado é "pequena inchação resultante de pancada". Na réplica de J fica evidente uma relação insólita: o significante *galo* ganha uma marca de gênero, e, isto acontece – como já vimos – para se conformar à entidade a qual se aplica (um machucado num ser do sexo feminino). O ponto a ser assinalado agora é a indiferença da criança ao efeito criado junto ao interlocutor por esta substituição: *galinha* corre o risco de ser interpretado como a fêmea do galo (o animal) e não como o machucado de que é portadora uma menina... Assim, o enunciado, dirigido em tom assertivo, à guisa de correção, *Não é galo, é galinha* é potencialmente capaz de fazer rir, mas disso J não se dá conta, tomada pela contingente marcação de gênero-sexo. Para o investigador que observa tal fato, (4) ganha destaque como um dado-indício de uma relação específica da criança com a língua, relação pela qual a criança faz a língua curvar-se ou dobrar-se à marca de sua inegociável condição de menina – condição à qual ela se agarra, irredutível. Seja-nos dado dizer que, chegando-se a este ponto, é possível resgatar, em toda a sua evidência, a etimologia da palavra flexão: "do lat. *flexione*, ação de dobrar" (Nascentes, 1933, p. 342).

Quanto ao outro dado – (5) – o que ele dá a ver? Aparentemente, o mesmo fenômeno gramatical que está por trás da réplica de J em (4). Como em (4), a substituição proposta (*barata* em lugar de *um barato*, uma expressão com certo grau de idiomatidade), cria para o ouvinte de J, como fato inesperado e não-previsto, as

bases para novo acontecimento ridículo (no sentido próprio da palavra, isto é, que produz o riso), do qual a criança, contudo – e este é outro fato notável – não parece dar-se conta: o outro sentido suportado pelo significante *barata* (inseto)! Há, por um instante, uma opacidade do sujeito à homonímia. Tudo o que parece importar é que o predicado – (*um*) *barato* – que lhe é imputado, seja marcado pelo a. O que mais nos ensinam estes dados? Que, em se tratando do gênero gramatical, não é preciso aguardar a “maturidade lingüística” dos 5, 6 anos de idade para contemplar na criança uma atitude reflexiva em relação à linguagem. Bem antes, em episódios como os que acabamos de ver e em outros deixados de lado por falta de espaço, a fala da criança pode exhibir exemplos desta atividade sobre o objeto lingüístico, no nível morfossintático. No que concerne esta categoria estamos aptos a tomar distância de teorias desenvolvimentistas que postulam que é só num estado final, quando a criança já ‘completou’ a aquisição da língua, que ela se mostra capaz de atividade metalingüística, onde se coloca na posição de intérprete.

Referências bibliográficas

- AUTHIER-REVUZ, J. *Ces mots qui ne vont pas de soi*. Paris: Larousse, 1995.
- CÂMARA, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- DE LEMOS, C. Native speaker's intuitions and metalinguistic abilities: what do they have in common from the point... *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 33, IEL, UNICAMP, p. 5-14, 1997.
- FIGUEIRA, R.. O erro como dado de eleição nos estudos de aquisição da linguagem. In: CASTRO. *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, p. 55-86.
- . Children's Riddles: what do they tell us about change in language acquisition?. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 33, IEL, UNICAMP, p. 15-26, 1997.
- . Le langage des enfants: drôle mais jusqu'à quel point l'humour est-il intentionnel?. Apresentado em Reims, França, no 6th International Pragmatics Conference, 1998.
- . Dados anedóticos: quando a fala da criança provoca o riso... humor e aquisição da linguagem. *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, Campinas, Pontes, v. 6. (no prelo)
- NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1933.
- REY-DEBOVE, J. *Le Métalangage*. Paris: Ed. Le Robert, 1978.